

FARIA, Hamilton, **Encântaros**. São Paulo: Escrituras, 1995
Encantos + canto + cânticos = encântaros.

É do bojudo e grande cântaro que, metaforicamente, o poeta Hamilton Faria tira substância, inspiração para seu canto. Sua palavra é forte, comprometida com os homens e a vida.

Hamilton Faria não é poeta que se feche, se encasule, fazendo do ofício poético instrumento para falar só consigo mesmo. Ao contrário, seu texto é dialógico, comunicativo, voltado para a interlocução.

Dividido em sete partes, **Encântaros** abre com “Páramos”, vocábulo sonoro, que, se de um lado remete à planície deserta, de onde o poeta arranca a palavra criadora de poemas, de outro, aponta para o firmamento, a abóbada celeste, alturas para o vate instaurar os domínios da poesia.

**“Deu-me a poesia o dom
de em palavras transmutar-me**

.....

**Assim o mundo crio
O nome. A coisa nomeada.”**

(“Criação”)

Fazer poesia não é só falar de pessoas, de coisas que estão à volta ou em todos os lugares. É muito mais. É falar de tudo isso, como se fora a primeira vez; é dar nome ao que já nome tem, criando com “o nome” e “a coisa nomeada” um novo mundo, cheio de mutações e belezas. E só consegue a plena expressão quem ama, quem vivencia o sonho, o imaginado:

**“Deu-me Deus o dom de amar
e de escrever o vivido
E o dom maior me-deus:
o de viver o escrito”**

(“Criação”)

A criação poética para Hamilton Faria é uma centelha da Criação divina; daí o ambivalente “me — deus”: **Deus me deu**, mas também **eu — deus**. Deus cria

pela palavra falada (“Deus disse: ‘Haja luz ‘ e houve luz”. (Gên. 1,3); o poeta, pela palavra escrita: na poesia, o “nome” dá estatuto de existência à “coisa nomeada”.

E a nominalização poética se faz sem preconceito algum, mesclando metáforas, neologismos, neocompostos, neoderivados, aglutinações, à denotação mais evidente.

Para a expressão de seu canto, Hamilton Faria não se poupa, nem poupa o instrumento, a Língua Portuguesa. Se para comunicar é preciso transgredir, que não se titubeie:

Deus, substantivo, vira verbo com pronome em próclise e separado por hífen (“me-deus”). O particípio escrito é pouco para atestar a relação viver-escrever / escrever-viver: só cabe **escrevido** (“O de viver o escrevido”).

A ordem direta, na língua, nem sempre é feliz. Por que não a colocação não linear, inversa: “Minha ó maçã” (de “Azul Espigas e Maçãs”) ou “O Tempo qual do retorno ó ?” (de “Tempos”).

Verbos intransitivos ganham reforço com o pronome (“Eu **me** vivo”, de “Bailarina”) ou exprimem gradação (“**Se** rindo / rindo-se / rindo” de “Rêveries”).

Como esses, muitos outros exemplos se espalham por **Encântaros**.

Mas paira, acima de tudo, “o dom de amar”, de “escrever o vivido” e de “viver o escrevido”. Isto é, não se trata, de forma alguma, de poesia cerebral, de exercício estético, mas de “almar-se”, como diz o poeta, de fazer do encanto poético a metaforização da alma, a única oportunidade de dizer o indizível.

Assim como a bailarina, o poeta “roda / gira / vira / baila”, virando vida por meio do “invento de andar”, de criar (cf. poema “A bailarina”).

Nem sempre, porém, tudo são encontros. Nem sempre o poeta vê claramente o horizonte: seus olhos, “niños de mundo”, embora enxerguem a beleza, têm dificuldade em registrar as imagens. Por isso conclui que “poetas son páramos sin ventanas” (de “De mi ventana en Tepoztlán”).

Mas o poeta não pode fugir a seu “engano”, a sua sorte. Em nada crendo, paradoxalmente, em tudo crê, ao inventar, encantado, o “mito do mito”, “o Poema perdido no real”. (“Encanto”)

Já estamos transitando para a segunda parte do livro, “**Memorial**”, que, como o próprio nome diz, trata de memórias, de lembramentos. É a metaforização de lembranças que marcaram o poeta, por meio das quais tenta uma autodefinição. Nem sempre as lembranças são doces, e o sofrimento aparece como parte integrante da vida, como condição para crescer e amadurecer. “Se a rosa cresce assim tão lindamente / também chorou e enrubesceu também” (“A metáfora da rosa”); “Quantas vezes partir/ para ser inteiro? Quantas vezes / ser inteiro / para partir?” (“Arte”)

As chaves dessa autodefinição parecem estar em “O decifrador” e em “Início”. No primeiro desses poemas, Hamilton se revela como “luz mínima”, “um ponto do ponto”, onde se encontram e por vezes se digladiam o “vício” da cultura e a perenidade do universal; no segundo deles o poeta tem um lampejo de esperança de que esse dilema se resolva e ele possa, finalmente, encontrar-se: “Eu sei / um dia essa guerra acaba / Eu morando dentro de mim / pulsarei / Vermelho / Inteiro / Até o fim”.

Assim como a re-criação do mundo se faz pela palavra poética escrita (cf. “**Páramos**”), aqui também a descoberta e a definição do **eu** acontecerão pelo decifrar da escritura, do fazer poético, porque o poeta lê a si mesmo como se fora um livro: “virei a página de mim / ... quando me completo / não esqueço de onde vim” (“**Gratias**”)

Adentremos “**Amares**”, terceira parte do livro. Impossível viver sem amor, “sem amor os ossos se enrijecem” (“Soneto d’amor”). De que espécie de amor se trata? De algo muito grande, muito fundo, às vezes muito dolorido: “Aperto o coração entre os dedos / Ele quer sair não deixo” (“**Calmaria**”). Palavras não bastam para expressá-lo; daí dizer o poeta à amada: “Escreverei teu nome com oceanos” (“**Transluz**”). Por tudo isso, o amor é mais que humano, é a irrupção do divino no homem, do eterno no tempo, “a passagem para o divino”, pois “só quem ama pode achar / o portal do peregrino” (“**Amares**”).

E à semelhança de “**Memorial**” e de “**Páramos**”, em matéria de amares nada acontece também sem a dor e a intermediação da palavra poética escrita: “Asas nascem da dor / embora doa” (“**Nascer**”); “o poema dança / e saltitante / nos olhos dos amantes” (“**Bailado**”).

A quarta parte do livro, “**Elementos**”, busca em fogo, água, terra e ar a essência do universo e a essência do homem. Para o poeta, é o fogo que precede a tudo e a tudo dá origem: “O fogo que inicia a água / que inicia a terra / que inicia o ar / que inicia” (“**Arquétipos do fogo**”). Ora, não há início de nada sem amor (voltamos a “**Páramos**”), e o fogo é metáfora perfeita do amor, “fogo dos fogos”, pelo qual anseia o poeta (“**Essência**”), “fio da navalha”, que “corta o corpo das coisas”, que “se extingue depois / para nascer de novo” (“**Do fogo**”).

A procura do essencial humano alça o poeta às alturas do eterno e os dois últimos poemas de “**Elementos**” fazem a transição. Trata-se de “**Tempos**”, série de indagações sobre a temporalidade (“Qual o tempo de uma flauta indiana? E o tempo de quem ama?” e de “**Casa**”, que, voltando a “**Páramos**”, recoloca a criação pela palavra poética escrita (“**Escrevo minha casa com estrelas**”) e voltando também a “**Memorial**”, a “**Elementos**” à busca da essência, termina dizendo que a pátria do poeta “é a luz”.

“Eternal”, quinto na divisão, é o anseio incontido do poeta de transpor as janelas do tempo, de adentrar o eterno e o mistério.

Hamilton declara-se em “estado de religião” (“Religare”), em que tudo é maior e ele, pertencente. Há um vislumbre do mistério, daquilo que não se vê, mas existe e pode ser captado pela sensibilidade poética.

A sexta parte da obra, “Encântaros”, poema único em vinte secções, é uma reflexão sobre a condição humana. Pulsam, simultaneamente, no poeta, um menino e um velho. Ele é um grão de areia, não é um granito; é um nada, um vazio; a humanidade está derrotada nele, mas, ao mesmo tempo, a humanidade se assombra com ele, já que pequenez e grandeza nele caminham juntas. Transpondo os umbrais de si mesmo, em perspectiva holística, o poeta / sente-se e percebe-se como “alguma coisa decomposta em tudo”. Fundindo o pessoal com o cósmico, completa: “Na impossibilidade de ser Eu sou tudo isso / Na possibilidade de ser Eu sonho com isso” (Poema IV).

Segue-se dialeticamente uma linha de oposições que convivem no ser do poeta:

“Procuro a invariância o arcaico o pleno

.....

Cansei de ser história”

(Poema IX);

“Eu sou grande demais para cair
E quando caio sou pequeno demais para
levantar.”

(Poema XI);

ou ainda:

“Sou todas as idades

.....

Posso ser infinito através do finito.”

(Poema XV)

Aí, dentro de toda essa reflexão, que raia à metafísica, volta, obsessivamente, a fixação pela mágica palavra escrita criadora:

“Alguém sabe quanto custa um poema?

.....

Quanto dói um poema?

Quanto liberta um poema!”

(Poema V)

A missão do poeta é re-inventar, pela palavra, “todas as coisas”, as que estão e as que não estão dentro dele (cf. poema XVI); por isso ele é um deus-menino:

“Menino diz coisas impossíveis
Galáxias que perdemos de vista
Menino: deus de calças curtas
e estrelas no bolso”

(Poema XVIII)

Bonita imagem: “Menino: deus de calças curtas”, porque a criança cria mundos novos, fantásticos, impossíveis, com o simples dizer.

Está feita a ponte para o poema único que compõe a sétima e última parte de **ENCÂNTAROS: “Palavras”**. É o ofício do poeta, o fiar de Penélope:

“... palavra a palavra
.....
cada uma tecida
como quem tece o fio
que começa de novo
onde termina”

Fecha-se o círculo, voltando a “Páramos”.

É envolvente a poesia de Hamilton Faria. O conjunto coloca o leitor diante de algo grande, que excede o humano, que quer explodir os limites, que antevê e antegoza o eterno.

O único meio de vislumbrar e pregar este mistério para o qual o poeta se sente irresistivelmente atraído — e é como que sua única realização, e mais, o único “descanso” do homem — é a poesia, a palavra poética criadora:

“... que palavras foram
cada
multidão de braços
a juntar poemas
até pronunciar
um ser feliz”.

Marleine Paula Marcondes e Ferreira de Toledo
(Departamento de Letras)